



Da Escola de Aprendizes ao Instituto Federal de Sergipe: 1909 - 2009

AMÂNCIO C. DOS SANTOS NETO

PALAVRAS-CHAVE

Professional; Instituto Federal de Sergipe;
História.

KEYWORDS

Professional Education; Institute Federal of
Sergipe; History.

Resumo

Este artigo apresenta um histórico do Instituto Federal de Sergipe, tratando de assuntos político-pedagógicos e administrativos pertinentes às diversas fases do ensino profissional em Sergipe, desde a criação da Escola de Aprendizes, no início do século XX; passando pelo Liceu de Aracaju, durante a ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945), quando o Brasil intensifica sua industrialização; mudando a denominação, logo depois, para Escola Industrial em conformidade com as transformações econômicas e políticas provocadas pela Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945); em seguida, as Escolas Industriais se transformaram em Escolas Técnicas Federais, de acordo com as políticas de educação da época da Ditadura Militar pós-1964. No final do Século XX, as Escolas Técnicas se transformaram em Centros Federais de Educação Tecnológica, num período de abertura política e econômica, atendendo às demandas das novas tecnologias na educação num cenário globalizado. E por fim, este artigo encerra com a expansão e criação da nova concepção da rede federal de ensino tecnológico e profissionalizante que cria os Institutos Federais em 2008, verticalizando o ensino e dando oportunidade a um maior número de brasileiros a entrarem no novo mundo do trabalho através da educação profissional e tecnológica.

Abstract

This article presents a description of the Federal Institute of Sergipe, referring to administrative, political and pedagogical subjects concerning the several periods of the professional education in Sergipe, since the establishment of the Apprentice School, in the beginning of the 20th century; going through the Lyceum of Aracaju, during Getúlio Vargas dictatorship (1937 to 1945) when Brazil enhances its industrialization, and soon changes the denomination to Industrial School according to political and economic alteration caused by the 2nd World War (1939 to 1945). Then, Industrial Schools were transformed into Federal Technical Schools according to the educational policies from the Military Dictatorship period, after 1964. At the end of the 20th century, the Technical Schools were transformed into Federal Center of Education, at a period of political and economic opening, as an answer to the demands of the new technologies in education under a global scenery. At last, this article shows the spread and establishment of the new concept of the professional and technological federal teaching system which starts the Federal Institutes in 2008, regulates the education and gives opportunities to a larger number of Brazilian people who enjoyed a new world of job through professional and technological education.

1. As Escolas de Aprendizes.

No início do Século XX, após a abolição da escravidão, a crise açucareira no Nordeste, a explosão de revoltas sociais na virada do século, os abalos financeiros e políticos dos primeiros anos da República, acompanhados por movimentos migratórios para as capitais, surgem no Brasil as Escolas de Aprendizes Artífices, com base no Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, do Presidente Nilo Peçanha (1867-1924). Além disso, estas escolas foram criadas em meio a uma cultura que sempre desvalorizou ofícios manufatureiros, pois eram ligados ao regime escravista.

Neste contexto, obedecendo ao decreto presidencial, inaugura-se em Aracaju, no dia primeiro de maio de 1911, a Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe (EAA-SE), instalada na rua Lagarto, nº 952, esquina com rua Maruim, permanecendo ali até 1963.

A demora de quase dois anos (setembro de 1909 a maio de 1911) para instalar a EAA-SE, se deve ao fato de que o governo federal não tinha apoio político do governo estadual. Por conta desse impasse, Sergipe foi o último estado a inaugurar uma Escola de Aprendizes Artífices, dentre as 19 unidades da federação. À época, houve proposta

de se instalar a escola no interior do estado, a qual foi rechaçada pelo governo central. Assim, enquanto não se resolvia a compra de um prédio adequado, a EAA-SE ficou improvisada na Delegacia Fiscal da Receita Federal, sem funcionar efetivamente em 1910; apenas havendo nomeação do pessoal administrativo.

No ano seguinte, instalada no prédio da rua Lagarto, doado pelo governo fede-

Neste contexto, obedecendo ao decreto presidencial, inaugura-se em Aracaju, no dia primeiro de maio de 1911, a Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe (EAA-SE).

ral, iniciam-se as aulas da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe. Apesar das lutas oligárquicas que emperraram sua inauguração, o primeiro diretor da EAA-SE, Dr. Augusto César Leite (1910-1916)¹ gozava de prestígio moral e intelectual entre os grupos políticos opostos. Como ilustração de seu caráter meritório, tornou-se mito, mas muita gente conta que foi fato, a história de que Dr. Augusto Leite havia tirado do pró-

¹ Nascido em Riachuelo-SE, em 1886. Foi médico, cirurgião e professor. Tornou-se o mais importante profissional da medicina sergipana no século XX. Faleceu em Aracaju-SE, em 1978.

Apesar da organização dos trabalhadores, a crise sócio-econômica da época era patente.

prio bolso o dinheiro para compra do prédio da Escola de Aprendizes, enquanto o governo federal não resolvia a situação. Alguns dizem até que ele não fora ressarcido. No entanto, às duas horas da tarde, do dia primeiro de maio de 1911, Dia do Trabalho, é inaugurada a EAA-SE em Aracaju. A data foi adrede pensada pelo diretor, uma vez que a Escola foi fundada para formar trabalhadores. Aliado a isso, houve o discurso de Manoel Julio da Silva, representante do Centro Operário de Aracaju, inaugurado também em 1911, gérmen da organização operária no estado.

Apesar da organização dos trabalhadores, a crise sócio-econômica da época era patente. Aracaju, por exemplo, foi povoada por mendigos e desempregados, somando-se aos operários pobres, os quais encontravam na capital um ambiente de carestia de gêneros alimentícios e de aluguel. Neste sentido, a instalação de uma Escola de Aprendizes Artífices era motivo de esperança de melhoria de vida para os filhos daquelas famílias desvalidas. Assim, cento e vinte (120) alunos das classes economicamente inferiores foram matriculados. A EAA-SE ficou em nono lugar em número de matrículas entre as dezenove no Brasil. Em 1922, este índice subiu para cen-

to e oitenta e oito (188); e em 1930, para duzentos e sessenta e oito (268).

Os “desfavorecidos da fortuna”, como rezava o decreto fundador e o edital de convocação de matrícula, podiam fazer os cursos Primário e de Desenho; e os ofícios de Ferraria e Mecânica; Alfaiataria e Marcenaria; mais tarde acrescidos os de Sapataria e Selaria. Já o corpo docente contou de início com sete (07) professores.

Em meio ao professorado, a primeira docente da EAA-SE foi Cândida dos Santos Menezes, de Primeiras Letras. Outra professora que também marca a História da Escola foi Leyda Regis (1907-1998). Ela passa a lecionar na EAA-SE a partir de 1930, como professora adjunta e se efetiva em 1933. Professora Leyda contribuiu com o desenvolvimento acadêmico ao coordenar a publicação, por quase vinte anos, da Revista Sergipe Artífice. Este periódico anual continha assuntos de interesse didático-pedagógico e profissional através da colaboração de docentes, discentes e administrativos.

Quanto ao corpo administrativo, também é lembrado um servidor da antiga Escola de Aprendizes que exerceu por

longos anos duplo papel, foi o escriturário Francisco Augusto de Figueiredo. Ele substituiu por várias vezes diretores efetivos. Entre 1935 e 1937, por exemplo, Figueiredo exercera o cargo de diretor no lugar do titular, Dr. Armando Leite, o qual fora chamado para prestar serviço no Ministério da Educação. Mesmo afastado do cargo durante esses dois anos, o titular tinha direito ao salário. Entretanto, Armando Leite doou 1/3 da remuneração ao escriturário/substituto Francisco Figueiredo. Por sua vez, Figueiredo doou o dinheiro recebido para a Associação Cooperativa e de Mutualidade, entidade que prestava assistência social e médica aos alunos. Por conta desse ato, o benfeitor recebeu elogio público do Ministério da Educação em 1938.

Para além de professores e funcionários memoráveis, houve também diretores filantropos, como, entre outros, Sebastião Queiroz Couto (1928-1932). Este diretor, que era dentista e terceiranista em Medicina, reservava os finais de tarde para prestar serviço médico gratuito aos alunos. Além disso, dizia-se, ele costumava fazer refeições na escola para ensinar boas maneiras e higiene, entremeando histórias consideradas exemplares. O serviço médico, no entanto, só seria implantado na EAA-SE em 1935, sendo o primeiro médico o Dr. Oscar Batista do Nascimento. E no início dos anos 40, foi contratado o primeiro dentista da Escola, o Dr. João Simões dos Reis.

No entanto, nem tudo são memórias agradáveis na antiga EAA-SE. Em 1922, por

exemplo, foi instituída a merenda escolar. Sobre ela, era unanimidade a reclamação contra o prato invariável (carne cozida ou feijoada) e o sabor do feijão com arroz, mais conhecido como FERROZ, referência pejorativa sobre sua qualidade e aceitação pela estudantada.

Outro aspecto que não agrada a recordação de algumas testemunhas que estudaram na EAA-SE é relativo aos castigos físicos. Para alcançar a disciplina desejada, alguns professores batiam de régua ou deixavam o aluno incômodo de pé durante o resto do horário. Uma outra forma de punição na EAA-SE era deixar o punido em pé junto ao corrimão da escada, sendo alvo da atenção dos passantes. Outro castigo inusitado era a marcha dos alunos pelo pátio interno da escola, penalizados por serem faltosos e expostos ao vexame dos colegas. Contudo, estas práticas foram paulatinamente abolidas, sobretudo após a instituição da normatização do concurso público para o magistério em 1926, obedecendo à Consolidação dos Dispositivos Concernentes às Escolas de Aprendizes Artífices, quando elas passaram por alterações pedagógicas.

2. Das Escolas aos Liceus.

Logo em seguida, ocorreu na década de 1930 a primeira grande transformação nas Escolas de Aprendizes Artífices no Brasil,

e mais especificamente em Sergipe. Nesse período, mudanças sócio-econômicas e políticas, verificadas na Era Vargas (1930-1945), impulsionaram tanto a indústria de base como a educação profissionalizante, consideradas pilares do progresso nacional. Foi assim que em 1937 instituiu-se a Divisão do Ensino Industrial, já subordinada ao MEC, e sob a direção de Francisco Montojos. Desde então, as Escolas de Aprendizagem se transformam em Liceus, a exemplo

Houve um sensível aumento nos investimentos na área da Educação Profissional.

do Liceu Industrial de Aracaju, para atender ao novo cenário educacional.

Em que pesem as mudanças ocorridas, a situação do Liceu de Aracaju era precária, sobretudo no aspecto físico, como relatou ao MEC, em 1938, o então diretor Clodoaldo Vieira Passos² (1937-1947): "..., cumpre-me revelar a V. Excia. a penosa situação material de nossa sede escolar; disposição acanhada das instalações dos cursos; deficiência do mobiliário apropriado; carência de espaço requerido pela natural expansão do ensino industrial. E a respeito

de sua condição de salubridade, é precário o estado de tudo quanto concerne à higiene de um edifício que abriga tantos organismos débeis, em desenvolvimento". (apud Medeiros & Ximenes, p. 03, 1989).

3. Dos Liceus às Escolas Industriais.

Do final da década de trinta em diante, entretanto, houve um sensível aumento nos investimentos na área da educação profissional exigido tanto pela crescente industrialização durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) quanto pelas transformações urbanas por que passava o país. Neste momento, promulgou-se a Lei Orgânica do Ensino Industrial de 1942. Por conta disso, o Liceu passou a denominar-se Escola Industrial de Aracaju (EIA). Nessa época, foram adotadas as Cadernetas de Trabalhos Práticos, para esboço dos projetos a serem executados nas oficinas; foram também implantadas as provas parciais e finais; e, por fim, foram desdobradas algumas disciplinas, dando-se ênfase aos aspectos de cultura geral básica ao ensino profissional; como também foram adquiridos novos materiais didáticos para a área de ciências físico-naturais.

A Escola Industrial de Aracaju - EIA, além de trazer mudanças didático-peda-

² Engenheiro, nascido em Rosário do Catete-SE.

gógicas e conseqüentemente ter ampliado suas instalações prediais, intensificou também a instrução moral e cívica, de acordo com a política nacionalista do regime ditatorial de Vargas (1937-1945). Tornou-se comum então a comemoração de datas de caráter patriótico, como o sete de setembro, cujos desfiles apresentavam a nova farda, de aparência militar, doada pela Escola nas cores branca e verde. Nessa linha, havia também comemorações religiosas, como a da Páscoa.

Outra novidade, criada na época da Escola Industrial, foi o ensino de Educação Física e Educação Musical, como também a inserção, em 1943, dos cursos de Aparelhos Elétricos e Telecomunicações, Tipografia e Encadernação. E no mesmo ano, ocorria a contratação por concurso da primeira bibliotecária, Maria Cecília Costa Pinto.

Diante de tanta inovação e da paulatina inserção da mulher no mercado de trabalho, foi instituída pela primeira vez, em 1944, a seleção discente do sexo feminino. Assim, foram criados os cursos de Corte e Costura e o de Chapéus, Flores e Ornatos. Porém, essa iniciativa não frutificou. Aliás, a cultura escolar era eminentemente masculinizada, pois o lar ainda era considerado o lugar da mulher. Assim, só se formaram quatro alunas em 1947. Desse modo, foram suprimidas as vagas para as moças. Somente quinze anos depois, com a implantação

dos cursos técnicos, é que as alunas voltariam à Escola. Em contrapartida, os alunos formados encontravam relativa facilidade de locação profissional. Ficaram celebrizados, por exemplo, com fotos estampadas na Revista Sergipe Artífice de 1945, publicada anualmente pela EIA, seus ex-alunos que encontraram melhores espaços na vida profissional. Alguns se destacaram, nesse período beligerante, nas oficinas do Arsenal de Guerra da Marinha, no Pará, e na Escola Técnica de Aviação, em São Paulo³.

A partir de meados da década de 40, com a reestruturação do ensino profissional, novas diretrizes pedagógicas foram executadas. Um exemplo são as excursões com caráter de visitas técnicas para aprimorar a formação do educando. A primeira excursão da EIA-SE foi realizada às oficinas ferroviárias da Leste Brasileiro, na Bahia.

Continuando com as inovações, após a II Guerra Mundial, foi assinado um acordo entre Brasil e Estados Unidos para intercâmbio de equipamentos, assistência financeira e reorientação técnica dos professores e dirigentes. A supervisão do acordo era responsabilidade dos americanos e a efetivação ficou a cargo da Comissão Brasileiro-Americana em Educação Industrial (CBAI). Em Sergipe, a parceria se refletiu, entre outros fatores, na viagem aos Estados Unidos do então recém empossado diretor, engenheiro Pedro Alcântara Braz

³ De técnicos industriais a técnicos de aviação. Sergipe Artífice. Aracaju, n. 14, ano XII, setembro de 1945.

(1947-1962)⁴ ; além da viagem de alguns professores ao Sul do país para cursos de aperfeiçoamento.

Pedro Braz era mais querido que seu antecessor, o qual foi exonerado após denúncias estampadas nos jornais de ordem moral, administrativa e pedagógica. Braz, ao contrário, intensificou as comemorações de conagraçamentos (Páscoa, Semana da Pátria, Aniversário da Escola e Formatura no final do ano); tudo com muito garbo e organização. Dentro desse espírito, foi criado o Hino da Escola Industrial de Aracaju, o qual foi entoado mesmo depois da mudança jurídica de Escola Industrial para Escola Técnica. O hino foi cantado pela primeira vez no dia 23 de setembro de 1955, nas festividades do 46º aniversário da EIA. Sua letra, por sinal, é de autoria do poeta, parlamentar, médico e historiador sergipano Dr. Pires Wynne; e quanto a sua melodia, é do compositor paulista Benedito Contador.

Na gestão de Pedro Braz, foram também valorizadas exposições de trabalhos feitos pelos alunos, cujos artefatos eram

disputados pelos visitantes, tanto pelo esmero das peças quanto pelo preço reduzido, se comparado ao comércio local. Outro aspecto positivo da gestão do engenheiro Braz, foi a melhoria da qualidade da merenda escolar. O famoso FERROZ, feijão com arroz satirizado pelos alunos, foi substituído por um cardápio “farto e variado”. Ainda na gestão de Pedro Braz, foi criado em 1948 o Grêmio Francisco Travassos, presidido pelo aluno Geraldo Mota. O Grêmio publicava um periódico anual.

Já em 1949, a EIA-SE fez a primeira visita à Usina de Paulo Afonso-BA, na fase de construção de sua primeira turbina. Logo depois, estimulado pela visita, Pedro Braz implanta, em 1952, cursos de Instalações Elétricas e Tornearia. E no ano seguinte, foram instituídos os de Fundição, Alvenaria e Revestimento.

Outro fato marcante nessa época, que repercutiu na sociedade sergipana, foi a instalação e funcionamento da Rádio Escola Industrial em 1958. Ela foi criada a partir do esforço do ex-aluno e então professor Aldomanúcio Rodrigues Santos. A

⁴ Nasceu em Aracaju em 1919. Formado em Engenharia Civil, foi professor da Escola Industrial e a dirigiu até 1961. Faleceu em 1972.

O famoso FERROZ, feijão com arroz satirizado pelos alunos, foi substituído por um cardápio “farto e variado”

rádio permaneceu até meados da década de 60 sem autorização formal de funcionamento, apesar dos esforços da direção e dos professores. Mesmo assim, ela prestou tanto serviço à comunidade interna, com a divulgação de notícias de interesse exclusivo da própria escola; quanto à sociedade aracajuana, a exemplo de transmissões externas, inclusive de partidas de futebol. Alguns profissionais do rádio sergipano surgiram na Rádio Escola Industrial; como por exemplo o Jornalista Jairo Alves e Gilson Rolemberg, ex-funcionário da Escola; além do também ex-aluno e depois professor de Eletrotécnica da EIA-SE, Nilton Linhares. Por fim, com a mudança para o novo prédio e por problemas administrativos, a Rádio se extinguiu, deixando boas recordações a quem dela participou ou usufruiu de seus serviços.

4. Das escolas Industriais às Escolas Técnicas.

No final da administração do engenheiro Pedro Braz, iniciou-se a construção do novo prédio da Escola Industrial, localizado numa área popularmente conhecida

como Baixa Fria. Neste terreno viria a funcionar a Escola Técnica Federal de Sergipe, a partir da segunda metade da década de 60, época em que Pedro Braz se afastou por motivos graves de saúde. Aliás, em suas ausências do cargo por problemas de saúde ele era substituído pela já citada professora e amiga Leyda Regis. Mesmo debilitado, Pedro Braz já havia idealizado e iniciado a construção da caixa d'água e dos sete pavilhões destinados às aulas nas oficinas no novo terreno. Os pavilhões ainda fazem parte da estrutura física do IFS, campus Aracaju.

Pouco antes da mudança de prédio, em 1963, ocorreu a primeira e mais importante greve estudantil na Escola Industrial de Aracaju. Ela estourou após a substituição do eng. Pedro Braz pelo novo diretor interino, Moacir Batista Santos; e antes da implantação do Regime Militar no Brasil. A greve foi deflagrada numa reunião da União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais (UNETI) em Aracaju. O clima era de insatisfação geral. Os estudantes protestavam contra a falta de material didático; o fim do almoço e da farda oferecidos pela Escola; a má distribuição das bolsas de trabalho oferecidas pela Caixa Escolar; o auto-

ritarismo e falta de diálogo da nova direção com a classe estudantil e a precariedade do velho prédio da rua de Lagarto.

Depois de várias reuniões entre os líderes do movimento (o aluno Augusto Almeida de Oliveira e o presidente da Uneti, Luiz Jorge Leal) e o Conselho de Representantes da Escola, os estudantes saíram satisfeitos e entraram num consenso no dia 17 de outubro de 1963. Com isto, o Diretor Moacir Batista renuncia ao cargo; os grevistas recebem abonos das faltas e suspensão de qualquer punição. Os estudantes ainda conseguem incluir dois representantes no Conselho; conquistam o parcelamento no pagamento da farda e formam-se grupos de trabalho, compostos por professores e alunos para sanarem as deficiências da Escola no âmbito do método de ensino, do currículo dos cursos, dos equipamentos das oficinas e das normas para ingresso discente. Entretanto, apesar do clima de consenso e maior participação dos alunos nos rumos da Escola, os líderes da greve foram cassados em 1964 pelo Regime Militar. Coincidência ou não, as Atas do Conselho de 1964 não foram encontradas nos Arquivos da Escola, durante uma pesquisa histórica, em 1989, após a abertura política.

Pouco tempo depois, no dia 03 de setembro de 1965, foi baixada a Portaria de nº 239 para oficializar a criação da Escola Técnica Federal de Sergipe, com base na Lei nº 4.795, de agosto de 1965. Muito embora o primeiro curso de nível técnico, Edificações, tenha sido criado em

1962. Do ginásio industrial a nova Escola passaria para o nível médio, oferecendo cursos técnicos. Já em 1965, ingressam os primeiros alunos dos Cursos de Estradas e Eletromecânica. Em 1969, este curso divide-se em Eletrotécnica e Máquinas e Motores. Além desses, a Escola passou a oferecer cursos extraordinários aos alunos de outros colégios e aos operários das indústrias locais. Estas transformações foram influenciadas, sobretudo, a partir da exploração de minerais em nosso subsolo e pela demanda da produção e distribuição de energia hidrelétrica, bem como da abertura de novas indústrias no estado. Esta situação demandava um profissional mais qualificado e especializado, atraindo jovens das diversas camadas sociais.

A partir do final da década de 1960, período de “chumbo” do Regime Militar (1964-1985), a Escola Técnica Federal de Sergipe é administrada, entre 1969 e 1979, por um ex-interventor da Escola Técnica Federal da Paraíba (ETFPB), prof. Irineu Martins Fontes. Apesar da repressão política que o país vivenciava, este período foi emblemático de iniciativas que merecem registro.

A primeira foi a construção do auditório Engenheiro Pedro Braz em 1971. Esta obra foi marco na vida da Escola. Pois é neste recinto que ainda ocorrem os eventos mais importantes, tanto no âmbito acadêmico quanto artístico. Na inauguração do Auditório Pedro Braz, a então aposentada prof^a. Leyda Regis pronunciou um belo e

nostálgico discurso. Era uma espécie de memória de sua experiência na antiga Escola de Aprendizes e na Escola Industrial de Aracaju, enfatizando a administração do amigo e colega homenageado, que à época da inauguração estava moribundo, e por isso foi representado por sua esposa e também professora da Escola Técnica, Josefina Cardoso. Pedro Braz, entretanto, veio a falecer no ano seguinte.

Como já foi dito, o auditório abrigou eventos memoráveis. Um deles foi a realização do concorrido curso de cinema amador na Escola Técnica. Nosso cinema amador ainda sofria os influxos do Movimento Cinema Novo. Além desse curso, foram abertos o de teatro e fotografia. No campo da música, nossa Escola foi sede do I Encontro de Corais de Escolas Técnicas Federais, em 1974, criado pelo então diretor, prof. Irineu. Por sinal, a Escola formou seu próprio coral que atuou durante vários anos; hoje desativado. O mesmo ocorrendo com a banda musical, a qual despontava nas festividades sob a regência da professora Maria Olívia e outros sucessores. Quanto ao teatro amador, várias peças foram encenadas no auditório pelos alunos. No entanto, um profissional que inovou e se destacou nessa atividade na Escola foi o jovem professor Jorge Lins.

Outro momento de êxito nesse decênio foi a inauguração da "Biblioteca Dr. Augusto Leite", justa homenagem ao cientista, cirurgião, professor e primeiro diretor da Escola de Aprendizes Artífices. A

nova biblioteca passou a ter diversificadas aquisições bibliográficas. Ela era reconhecida por órgãos públicos e particulares, os quais faziam importantes doações, num momento de expansão dos cursos técnicos devido à instalação no estado de novas indústrias químicas e petroquímicas, a exemplo da Petrobras, que ampliava seus negócios na região.

Em 1978, foi inaugurado outro palco importante para as atividades escolares: o ginásio de esportes Francisco Martins de Lima. A Escola Técnica sempre foi uma das potências esportivas nos jogos escolares estaduais e interestaduais. Para dar continuidade aos investimentos no desporto, a nova administração do engenheiro e ex-governador do estado, Paulo Barreto de Menezes (1979-1983), foi construída uma quadra aberta de esporte e o campo de futebol. Até hoje, servidores e professores dedicam um dia na semana para aumentarem a integração através da prática esportiva no referido campo. Em 1983, portanto, ocorre a primeira Feira de Eletrônica no ginásio de esporte, pois nesse período foram criados os cursos de Eletrônica e de Química.

A administração seguinte, entre 1983 e 1987, foi dirigida por um membro da própria Escola, o professor Daniel Bispo de Andrade, último diretor do Regime Militar. A transição política já se fazia sentir nos muros da Escola Técnica com a indicação de um membro do seu quadro. Neste contexto, aconteceu a primeira eleição

para diretor pós-Regime Militar. Assim, em 1987, a Escola elegeu uma lista com três candidatos a diretores. Foi um período de euforia eleitoral. O escolhido foi o prof. José Alberto Pereira Barreto, que a dirigiu entre 1987 e 1991.

Este quadriênio foi fértil de novas iniciativas e construções. Concluiu-se o complexo de doze (12) salas de aula; foi assinado o convênio para a construção de uma Unidade Descentralizada na cidade de Lagarto-SE; a sala dos professores foi reformada e foi implantado um posto de atendimento bancário na Escola. No âmbito pedagógico, reformulou-se o Regulamento Didático; funcionários foram liberados para cursos de pós-graduação e foram adquiridos instrumentos musicais para aulas de educação artística.

Ainda na gestão do prof. Alberto, a memória documental da Escola foi priorizada através da reorganização do Arquivo Geral e inauguração de um Memorial. Com o passar do tempo, estas duas iniciativas foram profundamente descuradas, a ponto de haver a extinção da sala do Memorial com seu acervo. E quanto ao Arquivo, necessita de uma intervenção contundente para reorganizá-lo e dar-lhe utilidade tanto nos processos administrativos quanto nos subsídios da pesquisa histórica, sobretudo nos momentos de efeméride como o que estamos vivenciando: o Centenário da Rede Federal de Ensino Profissional e Tecnológico.

No quadriênio de 1991 a 1995, a Escola foi dirigida pela prof^a. Lenalda Dias dos Santos. Neste período, a instituição passou por algumas transformações. Foi aprovada, por exemplo, uma nova Regulamentação da Organização Didática (Portaria n. 378/MEC/SEMTEC). Desde então, os cursos oferecidos passaram a durar de quatro para três anos, atendendo à demanda dos discentes que se evadiam da Escola para entrar com mais presteza no mercado de trabalho.

Outro passo substancial nesse período, foi a interiorização da educação tecnológica.

Neste ínterim, a Escola Técnica Federal de Sergipe foi totalmente informatizada através do Plano Diretor de Informática, de 1993, iniciando o funcionamento do Laboratório de Informática Educativa. Este processo ocorreu, sobretudo, após a abertura das importações cujas novas tecnologias do capitalismo globalizado iriam intervir sobremaneira na estrutura de funcionamento das empresas e das instituições de ensino. Assim, são contratados profissionais qualificados, tais como programadores, analistas de sistemas e docentes da área de informática.

Outro passo substancial nesse período, foi a interiorização da educação tec-

nológica. No dia 27 de junho de 1994, foi inaugurada a Unidade de Ensino Descentralizada de Lagarto-SE (UNED). No entanto, a obra iniciada em 1988 sofrera paralisação em 1991 por falta de recursos. Através da intervenção política de um senador sergipano frente ao então Secretário de Educação Média e Tecnológica, Nagib Leitune Kalil, os trabalhos foram retomados. Em 1995, o município de Lagarto e a região Centro-Sul do estado se beneficiaram com a oferta dos cursos de Edificações e Eletromecânica e em seguida com o de Informática.

5. Das Escolas Técnicas aos Centros Federais de Educação Tecnológica.

A partir de junho de 1995 até 2005 a Escola Técnica Federal de Sergipe passa a ser administrada pelo prof. Antônio Belarmino da Paixão, ex-aluno e docente da Escola. Neste mandato de dez anos, ocorreu mais uma importante transformação acadêmico-jurídica de Escola Técnica Federal de Sergipe para Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe (CEFET-SE). Este processo de mudança foi iniciado em 1997, com base na Lei nº 8.948, de 08 de dezembro de 1994. A consolidação da implantação do CEFET-SE se deu através do Decreto de 13 de novembro de 2002. A partir de então, implantaram-se os cursos de Educação Tecnológica de Nível Superior. Esta mudança também foi possível a

partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96), a qual, entre outras coisas, deu flexibilidade curricular, autonomia às instituições e contemplou capítulos especiais para a educação profissional.

Neste contexto, os avanços tecnológicos e as mudanças organizacionais no mundo do trabalho impuseram novas possibilidades na formação do cidadão-trabalhador. Desse modo, o CEFET-SE passa a oferecer o Curso Superior de Tecnologia em Saneamento Ambiental, em 2003. Para implementar a expansão da educação profissional na Escola, ampliar e modernizar sua estrutura física, pedagógica e acadêmica foi necessário executar o Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP), iniciado em 1998. Expressando simbolicamente a mudança de Escola Técnica para Centro Federal de Educação, foi elaborada uma nova logomarca e composto um novo hino, de autoria da então professora aposentada Maria Olívia, lançado em CD-Rom.s.

6. Dos Centros Federais aos Institutos Federais.

Finalmente, desde 2005, após eleições diretas no CEFET-SE, foi empossado como diretor geral o professor do curso de Eletrônica, Joarez Vrubel. Na sua gestão, destacam-se dois eventos marcantes. O primeiro, é o

processo de “ifetização” da educação tecnológica em todo Brasil. Os Centros Federais passaram a ser Institutos de Educação, Ciência e Tecnologia. Uma rede de ensino profissional ampliada nacionalmente que deve oferecer diversas modalidades de cursos, do ensino básico ao doutorado em tecnologia. E o segundo evento em destaque nesta gestão é o ano de comemoração do Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, lançado em setembro de 2008 e comemorado em 23 de setembro de 2009. No lançamento do centenário, as instalações físicas da nossa sede em Aracaju foram abraçadas por milhares de pessoas das comunidades interna e externa, dentre outras atividades comemorativas.

Por conta desses dois fatos, a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica está vivenciando um momento ímpar em sua história centenária. Será um período de integração, de expansão e de maior qualidade na oferta da educação profissional no Brasil. Portanto, 2009 é um ano especial para quem faz parte dessa estrutura educacional, a qual aumentará o nível de influência positiva na formação de cidadãos trabalhadores e empreendedores.

7. Conclusão.

O Ano de comemoração do Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e a implantação dos Institutos Federais coroam uma História marcada pelo esforço de desenvolvimento

educacional e profissional dos brasileiros, promovidos pelo poder público federal. Desde a criação das Escolas de Aprendizes Artífices até os Institutos Federais, a sociedade brasileira experimentou profundas transformações durante a História da República brasileira. Como não poderia deixar de ser, a educação profissional acompanhou estes movimentos permeados por retrocessos e avanços. É uma história visceral para superar os grandes problemas nacionais, tais como analfabetismo, desemprego e injustiças sociais.

Desse modo, a evolução histórica da Rede Federal de Educação Profissional vem acompanhando as demandas da nação com vistas a contribuir para a melhoria na qualidade de vida dos brasileiros. Com isto, iniciamos o Século XX com o nascimento das escolas de Aprendizes Artífices, cujo objetivo era atender as necessidades criadas pelo rápido processo de urbanização e mobilização popular em busca de melhores condições de vida e trabalho “para dos “desfavorecidos da fortuna”, embora isto tenha sido um expediente de contenção do que a classe dirigente considerava como “desordem social” e por isso se implantou uma política educacional de caráter moral-assistencialista, num modelo econômico ainda agrário-exportador, mas com iminente processo de industrialização.

Intensificada a industrialização com forte apoio do Estado nas décadas de 1930 e 1940, as Escolas Industriais acompanharão o novo modelo de desenvolvimento, quali-

ficando mão-de-obra, tendo em vista o seu papel estratégico para o país na formação das áreas de infra-estrutura para o desenvolvimento econômico das décadas seguintes. Com isto, o Brasil chega nas décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990 com Escolas Técnicas com mais autonomia para enfrentar as mudanças paradigmáticas nas políticas de educação profissional, implicadas pela necessidade da modernização da estrutura produtiva, devido à globalização econômica e uso de novas tecnologias de informá-

tica tanto no trabalho quanto no cotidiano.

Por fim, é neste cenário complexo que surgem os Institutos Federais com o objetivo de se comprometer com a sociedade para fundar a igualdade na diversidade social, econômica, geográfica e cultural de nosso país. Sendo assim, os Institutos Federais dão continuidade, neste centenário, ao papel político significativo que possui a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

AMÂNCIO CARDOSO DOS SANTOS NETO

Licenciado em História pela UFS (Universidade Federal de Sergipe), 1990. Especialista em Geografia Agrária pela UFS, 1996. Mestre em História pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas-SP), 2001. Publicou vários artigos sobre História de Sergipe e Patrimônio Cultural Sergipano. Atua como Professor do Instituto Federal de Sergipe - Campus Aracaju desde 1994.

Referências

MEDEIROS, Luísa Scardini; XIMENES, Dayse (Org.). Ensino Industrial, 80 anos. Aracaju-SE: Escola Técnica Federal de Sergipe, ano I, n. 01, 1989. (Edição Comemorativa).

ESCOLA TÉCNICA EM REVISTA. Nasceu uma nova escola, 1991-1995. Aracaju-SE. Edição Especial.

PATRÍCIO, Solange. Educando para o trabalho: a Escola de Aprendizes Artífices em Sergipe (1911-1930). São Cristóvão-SE, Universidade Federal de Sergipe/NPGE, 2003. (Dissertação de Mestrado em Educação).

REVISTA CEFET-SE. Aracaju-SE, dezembro de 2004. (Exemplar exclusivo).

REVISTA CEFET-SE. 94 Anos de Educação Tecnológica. Aracaju-SE, ano 01, n. 01, setembro de 2003.

SERGIPE ARTÍFICE. Aracaju-SE, ano XII, n. 14, setembro de 1945.